

LUX JORNAL

ESTADO DE MINAS  
 BELO HORIZONTE - MG

PUBLICADO EM:

\* 6 DEZ 1998

190-8097

# MAXAKALI



## o renascer de um povo

PATRICIA PEREIRA  
 DE BERTÓPOLIS

**E**sta foi uma semana de júbilo para a Funai, indigenistas e, principalmente, os índios Maxakali. Eles comemoram o aumento do número de índios da tribo nas aldeias Pradinho e Água Boa, localizadas nos municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, no Vale do Mucuri. O número de índios da etnia aumentou de 672, no último levantamento realizado pela Funai em 91, para 895. Na aldeia Pradinho, são agora 466 índios, e na Água Boa, o número chega a 429, o que representa uma taxa de crescimento de 33,18%. E o afastamento, ainda que frágil, da ameaça do fim de uma nação.

Hoje as duas aldeias registram 221 índios a mais do senso de oito anos atrás. Segundo a Funai, somente nos últimos dois anos,

nasceram 96 crianças, e, ainda, há dois recém-nascidos e mais seis índias, na aldeia Pradinho, que já mostram as barrigas de grávidas. A vida sexual nas aldeias Maxakali começa cedo, a partir dos 12 anos para as meninas. Aos 9 anos, elas já ficam "com vontade de casar", como contam os próprios índios. A recuperação de uma etnia para a perpetuação é sempre festejada, principalmente com relação aos Maxakali, que só se casam entre eles.

### Drama

Apesar da boa notícia, nos últimos tempos os Maxakali têm passado por períodos difíceis. Nos meses de maio e junho deste ano, 10 crianças da tribo morreram em consequência de doenças como desidratação, desnutrição e diarreia. E isto assustou a tribo, pois em geral é um povo física-

mente bastante resistente. A taxa de mortalidade é maior entre as crianças de até 2 anos. Após essa idade, a maioria morre de velhice. O período de seca é o de maior índice de doenças. A estiagem deste ano castigou a região. Mas, apesar dos problemas com as doenças e a seca, os Maxakali prepararam o plantio de suas lavouras. Cultivaram o feijão, a mandioca e a batata.

A seca e o período de doenças passaram. Mas um outro problema, crônico, castiga os Maxakali: o alcoolismo. A cachaça foi introduzida na aldeia há cerca de 50 anos, pelo homem branco. Hoje, os índios bebem até álcool puro, desodorante e acetona. A auto-estima baixa, a perda da identidade, a desestruturação cultural, associada à questão da terra, são consideradas por antropólogos como causa certa do alcoolismo, considerado uma espécie de suicídio de uma raça.

### Terra é motivo de uma declaração de guerra

A questão da terra é hoje o que mais aflige os Maxakali. O conceito de terra para o índio é diferente do que representa a terra para o homem branco. Para o índio, a terra é sagrada, assim com o rio e a mata. Nas terras onde vivem, e aguardam há anos pela decisão da Justiça pela retirada de 13 fazendeiros da área da reserva; a mata foi derrubada, grande parte da calhadão dos córregos passa na área dos fazendeiros, e um curral foi construído em cima do cemitério Maxakali. Apesar de todas as dificuldades, eles têm superado a perda da identidade, mas mostram que é grande a ansiedade para ver logo a terra de volta.

"Vamos esperar mais um pouco. Se fazendeiro não sair, vamos partir para a guerra". A declaração é de Zelito Maxakali, 28 anos, que desde criança ouve falar na saída dos fazendeiros da

área da reserva, nos municípios de Bertópolis e Santa Helena de Minas, no Vale do Mucuri. Em outubro, fizeram dois anos que a área foi homologada, mas o processo de retirada dos fazendeiros ficou esquecido em algum canto pelas autoridades.

Os fazendeiros não aceitam os valores da indenização que seria paga pelas benfeitorias de boa fé e a Justiça Federal negou a liminar impetrada pela Funai em abril, pedindo a imediata retirada dos fazendeiros da área. O processo é lento e está em fase de citação. Cabe à Justiça decidir se as indenizações, referentes a uma área total de 1.863 hectares, serão depositadas em juízo para que seja determinada a desocupação. Enquanto aguardam, em meio a dias de muita impaciência, os Maxakali vão sobrevivendo, diante da certeza de que dias melhores virão.



◉ AUMENTO das crianças traz alívio e resgata a identidade

## Um pedido que mofa desde 87

Os índios Maxakali vivem ansiosos e não suportam mais esperar pela retirada dos fazendeiros da área da reserva. Os fazendeiros não se negam a sair, mas querem indenizações pelas benfeitorias. Uma carta Maxakali, enviada ao Ministro da Justiça em 1987, já mostrava a ansiedade em ter a terra de volta e ver a retirada dos fazendeiros. O curral de uma das fazendas foi construído em cima do cemitério Maxakali. Onze anos depois, a situação ainda persiste.

A íntegra da carta enviada ao Ministro, em 87, é a seguinte:

*"Nossos antepassados e nossos parentes mais novos estão enterrados aqui. Nossos filhos e a maioria de nós não sabe o que é viver sem guerra, sem discriminação e violência!*

*Queremos a terra que é nossa por direito. Ela está molhada pelo sangue de nossos irmãos. Não é justo que seus corpos continuem pisados pelas patas dos bois. Queremos paz para fazer aldeias novas para casais jovens. Para fazer roças de onde tirar os produtos para fazer a religião. Precisamos do rio Umbaranas onde faremos de novo as pescarias sagradas!*

*E então, no terreiro da aldeia, faremos uma linda casa da religião. E vamos fincar o mastro Mimanã. E Topá virá anunciar para nós o futuro bom! E cantaremos noites e noites nossas velhas canções!*

*E cada homem, ao voltar para casa, saberá que na fogueira terá mandioca e batata cozinhando. E a mulher e os filhos felizes a sua espera".*



INDIA MAXAKALI esbanja toda a plenitude da maternidade

LEONARDO MORAIS

## Programa salva língua e a cultura indígena

A língua Maxakali está salva. O Programa de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais, implantado há cerca de três anos, vem dando aos sete professores da aldeia todas as diretrizes para o ensino da língua. O Programa faz parte um convênio entre a Secretaria de Estado da Educação, UFMG, IEF e Funai. Os participantes traçaram um diagnóstico da situação educacional indígena mineira.

Rafael Maxakali olha para o céu, procurando o Sol, e diz que a aula vai começar daqui a duas horas. Começa quatro horas depois, quando o Sol se esconde por um período e já não esquenta tanto a sala com telha de amianto. A nova escola vem sendo construída de acordo com o desenho proposto aos engenheiros pelos professores Maxakali, com aprovação de toda a comunidade.

As salas de aula não têm por-

tas nem janelas. Mesmo assim, eles se orgulham disso. Mostram-se satisfeitos com os prédios da escola que estão sendo construídos como as ocas, num ponto alto da área e formando círculos. "Aqui, vamos estudar sem calor", mostra o coordenador Rafael Maxakali, empolgado com a escola.

A maioria dos Maxakali, principalmente as mulheres, não fala o português. As crianças são alfabetizadas na língua Maxakali e só aprendem o português a partir dos 16 anos. Dos sete professores, dois ensinam a cultura Maxakali: música, religião, tradições e costumes. É dessa forma que eles esperam que seja mantida a etnia, enquanto vivem na expectativa de ter de volta mais uma parte de seu território. "Se criança não aprende, vamos esquecer o Maxakali", diz Rafael. Os Maxakali são a tribo que mais resiste à aculturação no Brasil.

## Aliança une índios para o conflito

O alerta de alguns índios Maxakali de que a tribo partirá para a guerra caso as autoridades não decidam determinar a retirada dos fazendeiros da área indígena preocupado indigenistas. Representantes do Conselho Missionário Indigenista (Cimi) temem que os índios partam para violência, se continuarem a demora no processo de desintrusão da área. O pior é que os povos indígenas do Nordeste e de Estados do Sudeste que compõem a Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo, prometeram apoio aos Maxakali caso seja essa a última alternativa.

Preocupado com a questão, o Cimi apresentou uma denúncia à Anistia Internacional, sobre a questão dos Maxakali. Segundo o coordenador regional do Cimi-Leste, Luciano Marcos Pereira da Silva, o Centro Interamericano de Direitos Humanos também tem conhecimento da questão e prometeu apresentar denúncias na Organização dos Estados Americanos (OEA).

No próximo dia 10, um grupo de Maxakali estará em Belo Horizonte, numa mobilização que pede a imediata retirada dos fazendeiros. Outras manifestações ocorreram em abril, na ocasião das co-

memorações do Dia do Índio. Os Maxakali vão participar de uma solenidade na Assembleia Legislativa e tentam agendar uma audiência com o juiz da Justiça Federal. Segundo Luciano, o Cimi entrou com uma representação contra a Funai, que já tinha os recursos disponíveis para a ação de retirada dos fazendeiros da área. "Os recursos estavam disponibilizados no orçamento de 97, mas a informação agora, é que houve o corte", diz Luciano. O administrador regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, informa que os recursos estavam disponíveis realmente, mas o governo recolheu o dinheiro através de decreto.

A regional da Funai em Governador Valadares tenta agendar uma audiência pública na Assembleia Legislativa, com a presença do presidente da Funai, Sullivan Silvestre Oliveira, para a próxima semana. A preocupação da Funai é com a ansiedade dos Maxakali. "Sabemos que é penoso para eles. Explicamos que a justiça tem seu tempo, como aconteceu com os índios Krenak, e eles têm que esperar. Se partirem para um confronto, o mais prejudicado será o próprio índio", argumenta Andrada.